

Quando ovelhas não seguem o pastor: As fronteiras entre Religião e Política numa campanha eleitoral evangélica

Palavras-Chave: Evangélicos, Eleições e Religião pública.

Autores/as:

Adriel Torres de Queiroz Ferreira - IFCH/UNICAMP

Prof. Dr. Ronaldo Rômulo Machado de Almeida (orientador) - IFCH/UNICAMP

RESUMO:

Este projeto de pesquisa tem como tema principal a tensão em torno do voto, das candidaturas eleitorais e das lideranças religiosas no interior do campo evangélico. Observei essa dinâmica a partir do acompanhamento da igreja evangélica pentecostal que pertence à denominação Assembleia de Deus, em um de seus principais segmentos - o ministério Belém em Campinas. Trata-se de um desdobramento da investigação anterior (PIBIC 2018/19) cujo enfoque analítico se concentrou em outros aspectos do fenômeno: estratégia eleitoral, despesa de campanha e militância. O objetivo principal deste estudo foi o reconhecimento dos fiéis resistentes às candidaturas das lideranças religiosas da igreja e, como objetivo secundário, a mobilização das categorias religião e política enquanto disputa nativa. Segundo Casanova (2009) a abertura da religião à esfera pública é uma via de mão dupla que implica não apenas atores religiosos impondo suas normas na esfera pública, mas também atores religiosos sendo contestados pelos próprios fiéis que se apropriam de normas seculares, como a legislação eleitoral. Desta forma, este presente projeto colabora com o reconhecimento da

fragmentação interna de comunidades religiosas e um campo evangélico dinâmico.

INTRODUÇÃO:

“As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem.” Livro de João 10:27

Uma comunidade religiosa que elege seus candidatos internos para a câmara municipal desde 2008 e para a câmara federal desde 2010, sendo as principais lideranças pastorais seus candidatos e com uma forte mobilização da estrutura eclesial na campanha eleitoral seria o ambiente perfeito para o imaginário do “voto de cajado”. A igreja como um curral eleitoral na qual os pastores manejam o voto dos fiéis como um rebanho. Entretanto, a primeira investigação científica nesta igreja encontrou um histórico de campanhas eleitorais dispendiosas tendo em relação ao custo médio de evangélicos eleitos, além de uma baixa participação de fiéis na campanha eleitoral. Então, restava estudar esse tensionamento em torno do voto nas próprias lideranças religiosas por parte dos fiéis.

A igreja observada corresponde a igreja evangélica pentecostal Assembleia de Deus

caracterizada por sua fragmentação institucional (Freston, 1993; Alencar, 2010). O Ministério Belém é um dos principais segmentos da Assembleia de Deus no Brasil. Tal Ministério é presidido pelo patriarca José Wellington Bezerra da Costa e possui quatro lideranças religiosas com mandatos legislativos em São Paulo, sendo três de filhos do José Wellington da Costa. Os quatro mandatos estão divididos em dois centros: a capital paulista e Campinas. Em Campinas, o Ministério Belém é presidido por Paulo Roberto Freire da Costa, um dos filhos do patriarca e deputado federal pelo PL desde 2010. Esta mesma igreja de Campinas possui um representante municipal desde 2008, o Alberto Alves da Fonseca (PL) que conquistou sua reeleição em 2020

Os antecedentes dessa pesquisa proposta abordaram uma dimensão micro da participação política evangélica, focadas em estratégia eleitoral, militância e financiamento. A introdução ao campo deu-se a partir da descoberta de um grau de profissionalização eleitoral com forte centralismo decisório da instituição religiosa que mobiliza majoritariamente pastores como militância voluntária. Entretanto tensões internas e externas apresentaram-se em campo que não eram apreendidas pela delimitação da pesquisa e pelo marco teórico.

Na primeira investigação essa resistência foi observada através de duas das hipóteses, mas não pode ser teorizada e articulada. A primeira hipótese é que o efeito entre despesa de campanha e sucesso eleitoral dessas candidaturas evangélicas oficiais são menores em relação a outros candidatos evangélicos, uma vez que contam com um eleitorado cativo e a possibilidade de fazer a campanha na comunidade religiosa a partir do apoio institucional das igrejas (Netto, 2016). A

segunda hipótese é a presença de uma militância voluntárias de fiéis da própria igreja (Almeida e Peixoto, 2017). A relação entre financiamento e sucesso eleitoral foi investigada pelo “custo do voto”, a divisão entre despesa e resultado eleitoral. Segundo a elaboração de dados da Bolsa PIBIC 2018, o custo do voto deputado federal da AD-Belém foi de 19 reais, enquanto a média dos demais deputados federais evangélicos eleitos foi de 9,8 reais. Em relação a militância da campanha da AD-Belém, ela não correspondeu à expectativa de fiéis voluntários como militância, pois, seu corpo de militância voluntária era composta apenas pelo baixo clero. Portanto, ambas hipóteses citadas acima não se realizaram na candidatura a deputado federal de Paulo Freire da Costa (PL) em 2018. A observação de campo produziu dados descritivos nos quais as coordenações da campanha eleitoral da AD-Belém dialogavam com a existência dessa contestação interna.

Em relação a membresia do templo observado foi identificado por meio de conversas uma parte resistente à candidatura oficial. Devido a sua estadia em Brasília durante a semana, Paulo Freire da Costa comparece apenas nos fins de semana em sua igreja e, geralmente, apenas nos cultos de domingo à noite. As ausências do pastor presidente na maioria dos cultos de sua própria igreja é uma falta grave para esses fiéis resistentes. Essa parcela acusa Paulo Freire da Costa pela falta de tempo e proximidade com os fiéis por sua função parlamentar. Para eles ou se é pastor ou se é político, portanto, melhor seria que o pastor exercesse somente a função eclesiástica. Tal contestação de parte dos fiéis mobiliza a duplicidade da figura do Paulo Freire da Costa na comunidade religiosa, autoridade política e religiosa. Há em campo, portanto, a intersecção de

comunidade religiosa e sociedade civil em que tensões e desobediências se dão. A partir desta elaboração e recorte a nova pesquisa se desenvolveu e um novo arcabouço teórico, que focaliza a relação da religião com a esfera pública, foi estudado.

METODOLOGIA:

Uma comunidade religiosa com representação política institucional possui particulares desafios a pesquisa de campo. Visto que essa investigação objetivou a participação nas tramas da vida cotidiana de um grupo social e a entrada no fluxo dos acontecimentos a metodologia foi qualitativa, mais especificamente a observação participante, diário etnográfico e entrevistas semiestruturadas.

A observação de campo atrelada ao método etnográfico necessita que o próprio pesquisador passe a ser objeto de pesquisa. Essa metodologia, portanto, permite que o pesquisador-nativo estranhe o familiar, superando suas representações fundamentadas na experiência agora substituídas por questões relacionais sobre o universo investigado (Velho, 1978).

As entrevistas foram realizadas dentro do recorte qualitativo de pesquisa, ou seja, estruturação mínima, uso de roteiro de entrevista de forma mais livre, perguntas abertas e adaptáveis, formulações hipotéticas e respostas espontâneas.

No atual contexto pandêmico, faz-se necessário reconhecer que os dados qualitativos foram coletados presencialmente, porém, no período de reabertura dos templos religiosos e durante o processo de reabertura que ocorreu sincronicamente as eleições municipais de 2020. A parte das entrevistas que foram coletadas nesse período foram realizadas nas dependências do

templo e com a utilização de máscaras. Já a outra parte das entrevistas que foram analisadas neste projeto foram realizadas antes do início do PIBIC20/21, tendo em vista que estabeleço um vínculo contínuo com o objeto de pesquisa. Estas foram realizadas no primeiro semestre de 2020 através de vídeo chamadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A observação de campo anterior produziu dados descritivos nos quais as coordenações da campanha eleitoral da AD-Belém dialogavam com a existência dessa contestação interna. Nas reuniões de formação política para a militância as lideranças religiosas e políticas instruíam a observância da legislação eleitoral na hora de panfletar com uma forte ênfase para não entrarem discussões com os fiéis.

A campanha eleitoral de 2020 iniciou-se junto com meu campo presencial. Busquei, então, colocar-me na linha de frente na ação. Me tornei um cabo eleitoral voluntário e fui para a porta da igreja distribuir os panfletos. Na pesquisa anterior observei de longe esse processo no qual surgiram discussões entre pastores escalados como cabos eleitorais e membros sobre o voto no pastor da igreja. Dessa vez, a recomendação sanitária para não aglomerar reduziu drasticamente a convivência pós-culto na frente da igreja, momento no qual era realizado a entrega do material de campanha. Uma característica desse momento no contexto pandêmico foi o silêncio. Em geral, os cabos eleitorais conseguiram dizer breves “A Paz do Senhor”, abafado pela máscara, acompanhado pelo rápido esticar o braço com panfleto para dar conta da passada firme dos fiéis para o carro.

A ausência do som por parte dos fiéis e por consequente do esperado conflito forçou uma busca por outra forma de encontrar fiéis para conversar e assim qualificar as firmes passadas. Foi, então, seguindo a própria ausência que o período eleitoral trouxe que encontrei interlocutores. A contínua observação de campo que desenvolvo com o objeto de pesquisa em questão possibilitou comparar o momento não eleitoral e pré-pandêmico com o período eleitoral no qual desenvolvia a observação. Dessa forma, percebi a ausência de fiéis frequentes e atuantes como: o técnico de som auxiliar, o chefe da diaconia, a liderança dos jovens e um colega próximo.

O chefe da diaconia é um homem cingênero, de 62 anos, filho de pais que congregaram na mesma igreja e templo da AD – Belém, como ele afirma repetidas vezes com muito orgulho. Depois do processo eleitoral, este voltou a atuar coordenando o corpo de homens que abrem a porta dos templos, recepciona as pessoas e prestam diversos auxílios durante o culto. Sua falta foi justificada com um longo comentário sobre como a Política não é um espaço para os crentes. Lembrou inúmeros conflitos que a igreja já teve com políticos, filhos de pastores que se candidataram e foram condenados por desvio de dinheiro. Para ele, a igreja quando muda o pregador da noite, pré-eleição, para colocar o pastor candidato está interferindo na direção do espírito santo sobre o culto. Prefere, então, tirar “férias” durante esse período.

O técnico de som auxiliar, homem cingênero de 36 anos, trabalha com locação de som e vídeo e durante as eleições de 2020 prestou serviço para a campanha do irmão de sua esposa. Sua atuação gerou uma suspensão de trabalho no

templo orientada pelo pastor presidente da igreja, o deputado federal Paulo Freire da Costa. Ele afirma que já não costumava frequentar a igreja nesse período para não dar conflito, pois as eleições é um momento de forte oportunidade de trabalho. Afirmou não ligar muito para a suspensão. Disse: quando começa a “politicaiada” eu já não costumo aparecer.

Como narrada pelos atores, essa marcação da entrada da Política na comunidade religiosa marca o início da campanha eleitoral. Ao pensar na reorganização realizada pela campanha eleitoral da AD – Belém observo a centralidade material do Templo religioso. É somente durante as eleições que os pastores mencionam durante o culto sua atuação parlamentar, aquilo que ocorre somente em *lives* no Canal do Youtube da AD – Belém com as lideranças religiosas transmitindo do ambiente domiciliar durante o ano. Essa centralidade do templo foi observada também durante as reuniões de formação dos cabos eleitorais quando a informação mais enfatizada da legislação eleitoral era a entrega de panfletos somente do lado de fora do portão da igreja.

Entretanto, a liderança de jovens, seu grupo e um colega próximo abriram a pesquisa para além da política enquanto eleições. Antes das eleições o grupo virtual de troca de mensagens do Jovens foi um ambiente de disputa entre apoiadores do fechamento dos templos e contrários ao fechamento dos templos. As lideranças religiosas que eram parlamentares apareciam na discussão como argumento dos apoiadores do fechamento dos templos, visto o acompanhamento dos decretos municipais que a igreja informava através de vídeos pastores parlamentares. A liderança dos jovens, um homem de 43 anos, nesses debates, alertava aos jovens sobre o partido da

representação política da igreja “PL, um partido quase tão comunista quanto o PT”, por isso, eles apoiariam o fechamento dos templos. Para a liderança dos jovens, a atuação parlamentar dos pastores mostra que eles não são os melhores pastores para liderarem a igreja, visto que eles não acordaram para a real disputa do país. Meu colega, que já não encontrei mais nas dependências da igreja. O momento pandêmico e o fechamento dos templos o ajudaram a assumir sua sexualidade não heteronormativa. Para ele, a forma que a AD – Belém ensina sobre sexualidade em suas escolas teológicas e a causa de uma atuação parlamentar das lideranças religiosas que ele também discorda. A negação do voto não bastava mais, agora, ele se via na impossibilidade de voltar a frequentar o cotidiano daquela comunidade religiosa.

CONCLUSÕES:

A busca pelo tensionamento em torno do voto durante o período eleitoral revelou uma constante ausência de fiéis causada pela reorganização do que é dito, exposto e distribuído no templo. O tempo da política enquanto reorganização do cotidiano causada pelas eleições opera na AD – Belém marcando ausência de conflitos do cotidiano comunitário. Dessa forma, coloca-se no horizonte um questionamento se as pesquisas que observam a atividade eleitoral no interior das igrejas não tendem a encontrar o “voto de cajado”, o funcionamento de uma máquina eclesial do voto.

O recorte do início do projeto que marcava uma distinção e a mobilização das categorias Religião e Política foi confrontada com dados em campo que traziam uma intercambialidade e mostrou uma porosidade entre as duas categorias,

na qual as duas estão embricadas e operam na visão de certos fiéis. A divisão entre religião e política e a marcação de fronteira foi visto como um dos discursos em campo, que deve ser reconhecido como uma entrada do secularismo na disputa nativa das comunidades religiosas.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, Gedeon. **Assembléia de Deus: Origem implantação e militância (1911-1946)**; São Paulo: Arte Editorial, 2010.

ALMEIDA, Jheniffer Vieira De e PEIXOTO, Vitor. **Servir e Obedecer: uma análise de cabos eleitorais neopentecostais**. In: 41 ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 2017, Caxambu, MG. Anais... Caxambu, MG.: [s.n.], 2017.

CASANOVA, José. “**Public Religion Revisited: Women’s right and the Political Instrumentalisation of Religion**”, Heinrich-Böll-Foundation & United Nations Research Institute for Social Development (UNRISD), Berlin, 5-6 June 2009.

FRESTON, Paul. **Breve história do pentecostalismo brasileiro**. In: Alberto Antoniazzi; Nem Anjos Nem Demônios: Interpretações sociológicas do Pentecostalismo; Petrópolis, RJ, Vozes, 1994.

NETTO, Gabriela Figueiredo. **Quando o dinheiro importa menos: uma análise do financiamento de campanhas eleitorais dos candidatos evangélicos**. 2016. Dissertação de Mestrado (Ciência Política). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

VELHO, G. **Observando o familiar**. In: NUNES, E. de O. (Org.). A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-47.